

# POR ONDE ANDAVA O *TU* NO FINAL DO SÉCULO XIX?

Eliana Pitombo TEIXEIRA  
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

## RESUMO

*A partir dos pressupostos da chamada Linguística Sócio-histórica, este estudo trata da variação tu-você na Bahia, no final do século XIX, com base em um corpus constituído de gêneros textuais diversificados. Os resultados apontam para uma preferência da variante inovadora – “você” – já usada em grande parte como tratamento íntimo.*

## ABSTRACT

*Starting from the framework of the socio-historical linguistics, this study deals with the variation “tu-você” in the State of Bahia, at the end of the nineteenth century, based on a corpus constituted of different textual genders. The results show a preference for the new variant – “você” – already used for intimate treatment.*

## PALAVRAS-CHAVE

*Pronome você. História social. Mudança linguística.*

## KEY WORDS

*Pronoun “você”. Social history. Linguistic change.*

## Introdução

Tarallo (1993) constatou que mudanças drásticas na gramática do português brasileiro teriam ocorrido no final do século XIX. Segundo Galves (1993), tais mudanças teriam tido sua causa profunda no enfraquecimento da concordância, motivada pela entrada do pronome

*você* no sistema. A morfologia flexional foi alterada tornando a concordância fraca, o que afetou a ordem dos constituintes, aumentou consideravelmente a expressão de sujeitos referenciais, entre outras mudanças. Diante desses fatos, pode-se dizer que o pronome *você* é o grande vilão da história. É a própria Galves (1993, p. 403) que chama a atenção para o fato de que “ainda está por ser feita uma análise da mudança nas formas de tratamento do português do Brasil...”. Essa observação nos motivou a empreender um estudo sobre o uso dessa forma de tratamento do interlocutor nas décadas finais daquele século, buscando comprovar a hipótese levantada por Galves (1993, p. 403) de que “a mudança [tu → você] não se realizou de forma regular em toda a sociedade, mas pode ter tido a sua origem em certas camadas e se expandido pouco a pouco.”

Nesse estudo, utilizamos uma abordagem que combina procedimentos metodológicos da sociolinguística laboviana – análise quantitativa dos dados e consideração a fatores sociais – com os pressupostos da linguística histórica tradicional, como proposto por Romaine (1982), denominada linguística sócio-histórica.

## 1 O paradoxo da Linguística histórica

O final do século XIX foi marcado por acontecimentos ímpares que influíram profundamente na vida social, política e econômica do país. A abolição do regime escravista, a insatisfação geral com o desempenho político de D. Pedro II, a consciência da necessidade de uma mudança para um regime mais democrático foram fatos decisivos para a Proclamação de República em 1889. Como observa Martins (1978-1979) a metamorfose social iniciada em 1875 com a implementação pela Coroa de ações, ainda que pálidas, de cunho socialista, da qual a própria república é consequência, influenciou até mesmo os usos linguísticos, fato assinalado por Rui Barbosa na sua *Réplica* (apud MARTINS, 1978-1979, v. 4, p. 325).

O movimento de 15 de novembro, que dura ainda, fez do neologismo política. A subversão da coroa repercutiu até no idioma, que falamos. Os homens de 1889 no Brasil tomaram aos de 1789 em França o barrete frígio, o título universal de cidadãos e a senha de fraternidade. Mas uma de suas mais extraordinárias aspirações foi a de substituírem o tratamento em terceira pessoa, nativo à índole da nossa língua, pelo de *vós*, generalizado a todos os estilos, a todas as situações e a todas as classes. Como a antiga maneira de correspondência verbal, ou escrita, se achasse associada à *mercê*, à *senhoria* e à *excelência*, com que a democracia indígena supunha deslustrar os seus foros, imaginou-se que aquele pronome, convertido em instituição republicana, eliminaria estas desigualdades suspeitas, nivelando todos os graus da escala social, desde o chefe de Estado até os serventes, sob uma fórmula de cortesia comum. Só o *vós* poderia desempenhar semelhante missão, entendendo-se, talvez, que para ela a sem-cerimônia do *tu*, ou do *você*, exprimiria familiaridade exagerada. Era o neologismo arvorado em regime de governo.

Em que pese a preocupação de Rui Barbosa com o retorno de uma forma de tratamento já se arcaizando, em se tratando de questões lingüísticas, o famoso jurista, como, aliás, a maior parte dos letrados brasileiros, não admitia inovações. Martins (1978-1979) observa que, enquanto portugueses, a exemplo do filólogo Adolfo Coelho, assumiam as diferenças lingüísticas existentes na variedade brasileira em relação à lusitana, a elite letrada do Brasil à essa época, incluindo aí gramáticos como Ernesto Carneiro Ribeiro, salvo raras exceções, primava pela conservação da “pureza” da língua tanto no nível do léxico como no da sintaxe, seguindo subservientemente a norma européia. A esse respeito, veja-se Pagotto (1999), que, ao comparar os textos das constituições brasileiras do século XIX (a do Império e a da República), constata a predominância da ênclise no texto da última a despeito da preferência pela próclise que caracteriza o português brasileiro.

Essa postura subserviente em relação à língua, que reflete uma compreensão equivocada do fenômeno lingüístico, é responsável pelo paradoxo enfrentado por pesquisadores que se dedicam ao estudo histórico da língua: é desses textos que nos servimos para constatar mudanças lingüísticas.

## 2 O *corpus*

O estudo histórico das formas de tratamento impõe limitações de diversa ordem. Primeiro, o pesquisador enfrenta restrições em relação aos próprios documentos que deverão servir de fonte de dados, já que as formas de segunda pessoa raramente aparecem na documentação arquivística: os documentos notariais são, na sua maioria, escritos na terceira pessoa; as cartas depositadas em arquivos são geralmente dirigidas a autoridades, o que leva ao uso de tratamentos formais. Resta então a literatura. Contudo, a minha experiência nesse sentido, pelo menos no que se refere à literatura baiana, foi simplesmente desestimulante. A literatura da época, além de escassa, apresenta uma peculiaridade: uma sensível preferência pela narração e pela descrição em detrimento do diálogo. Em segundo lugar, os valores sociais e formas de comportamento peculiares à época restringem drasticamente a possibilidade de ocorrência de díades diversas. Um exemplo: os filhos adolescentes raramente conversam com os pais, a eles não é dado o direito de voz, e o mesmo ocorre com os empregados domésticos. As peças de teatro, gênero marcado pela presença do diálogo, pelo menos as que tivemos acesso na Bahia no final do Oitocentos, tendem para o teatro de revista, apresentando uma infinidade de personificações, a exemplo da peça de Boccanera *No meio do mundo*, em que a bandeira brasileira é uma personagem. Por essas razões, o número de dados que constitui a amostra é modesto.

Tomamos como fonte de dados dois romances do escritor baiano Xavier Marques, quais sejam *Uma família baiana*, escrito em 1888, e *O feiticeiro*, de 1897. O primeiro é um retrato dos costumes e valores da

sociedade da época. A personagem principal, o chefe da família, tratado por um amigo de “Coronel”, pertencente à alta sociedade baiana, canaliza todos os seus esforços para preservar o *status* da família: casa a filha bem jovem com um homem mais velho e bem sucedido e controla o comportamento do filho rebelde que se envolve com jogo, bebida e mulheres de reputação duvidosa. O romance oferece também uma fotografia da cidade, tanto no que se refere a aspectos físicos (ruas, bairros elegantes, meios de transporte usados na época) como no que diz respeito a aspectos culturais, a exemplo das formas de lazer, da música e do folclore.

Já o segundo romance, *O feiticeiro*, focaliza uma família da classe média que tenta ascender socialmente através do comércio e da educação. Seus personagens discutem a política local e a vida dos vizinhos e amigos mais bem sucedidos. A obra focaliza também a presença da cultura africana na vida de pessoas da classe média no que tange à crença religiosa, evidenciada pelas constantes consultas de alguns personagens a pais de santo.

Nascido em Itaparica em 1861, o escritor era também político, professor primário e redator. Era, portanto, um falante da norma culta como também o era Rui Barbosa, cujo conjunto de cartas endereçadas a sua mulher e a amigos, datadas de 1880 a 1894, também integra o *corpus*. A escrita do famoso jurista, mesmo num estilo informal, como não poderia deixar de ser, prima pela obediência à norma culta do português europeu. Parte dessas cartas é escrita à época do seu auto-exílio em Buenos Aires e se caracteriza por relatar sua vida naquela cidade, seus receios, dificuldades e sua preocupação com a família, dele tão distante. Isso implica o uso abundante da primeira pessoa.

Além dessas amostras, constituímos duas outras. A primeira, retirada da peça teatral *No meio do mundo*, também de 1897, assinada por Sílio Boccanera e Alexandre Fernandes. Boccanera, baiano nascido em 1863, apesar de engenheiro por formação, dedicou-se às causas culturais e foi um escritor prolífero de peças teatrais. Apesar de ter escrito dramas, elegeu a comédia como o gênero por excelência, já que através dela dava vazão a sua veia crítica e denunciativa. A comédia *No meio do mundo* é uma

revista cômica em que aparecem personagens de classes sociais diversas. Através de seus personagens, os autores satirizam as instituições e o comportamento social dos vários segmentos da sociedade. A segunda amostra é uma coleção de diálogos publicados no jornal *A Fôia do Rocêro*, periódico baiano de vida breve, em números datados de 1899. Nele também aparecem personagens da classe baixa, o que permitiu estabelecer um *continuum* classe alta/média/baixa. Nessa época, o jornal era dirigido por José de Sá Róris, baiano de Curaçá que também colaborava com o jornal fazendo humorismo e caricatura. Ainda bem jovem, matriculou-se na Escola de Belas Artes da Bahia e, em 1928, parte para o Rio de Janeiro onde ensinou em vários colégios, a exemplo do D. Pedro II. A coluna selecionada para integrar o *corpus* apresenta diálogos entre pessoas simples do interior, retratando a sua cultura como também o seu vernáculo.

O *corpus* é constituído de 173 dados. Este número sofre alterações para menos em algumas células em função da não consideração de certas ocorrências cujo contexto não ofereceu pistas para classificá-las como foi o caso da classe social de algumas personagens da peça teatral e do grau de aproximação entre elas.

Estabelecemos como variáveis extralingüísticas o valor de *você*, a classe social dos personagens e dos remetentes das cartas, variedade lingüística, autoridade relativa, tópico do discurso e grau de aproximação dos locutores.

Usamos a dicotomia marcado/não-marcado para determinar o valor semântico de *você*. O primeiro termo refere-se a um pronome de tratamento de valor intermediário entre *tu* e *senhor*, usado pela camada letrada da população, entre iguais, tomado de empréstimo ao português europeu provavelmente na segunda metade do século XVIII. Esse pronome é muitas vezes grafado em sua forma abreviada, o que mostra tratar-se de um pronome de tratamento, como se pode ver no exemplo a seguir:

- (1) ...seja V. o intermediário das minhas cartas para Maria Augusta.  
(Rui Barbosa, 1893)

A respeito do novo estatuto do pronome em Portugal, veja-se o que diz Basto (1931, p. 193): “Dantes vòcê – assim como vossemecê – evitava-se com pessoas de cerimônia. – ‘Vòcê’ é estrebaria! – exclamava-se. Agora é moda, é de bom tom, é chic o tratamento de você”

O segundo *você* (não-marcado) refere-se a um pronome pessoal, digamos, neutro, que pode ser usado entre não-íntimos iguais e íntimos, em substituição a *tu*.

Os últimos três fatores acima arrolados foram estabelecidos considerando-se a natureza do fenômeno em estudo. As formas de tratamento, como se sabe, são uma função do tipo de relação que se estabelece entre os participantes de evento comunicativo (Cf. BROWN; GILMAN, 1960; FRIEDRICH, 1986). São, portanto, fatores pragmático-discursivos.

A escolha de duas obras escritas pelo mesmo autor em épocas distintas visa a verificar o avanço da mudança, isto é, o possível aumento da frequência de uso do pronome *você* em díades em que tradicionalmente usava-se o *tu*.

### 3 A análise

É bom salientar que o *tu* e o *você* são aqui tomados como macroformas, podendo ser representados pelo pronome sujeito, por um morfema a eles associado na morfologia verbal, um possessivo ou um clítico.

Os grupos de fatores testados comportam os seguintes fatores: autoridade relativa (mais poderoso X poderes iguais), variedade lingüística (culto X popular), valor de *você* (marcado X não-marcado), grau de aproximação dos interlocutores (grau 1 - muito próximo; grau 2 – pouco próximo; grau 3 – distante), tópico do discurso (assuntos íntimos X assuntos não-íntimos) e classe social (alta, média e baixa). A tabela 1, a seguir, mostra os resultados.

TABELA 1  
Número e percentual do pronome *você* em relação a *tu*.

Grupo de fatores	Fatores	Apl/N	%
1. Variedade lingüística	- popular	74/141	52
	+ popular	32/32	100
2. Valor de <i>você</i>	marcado	14/42	33
	não marcado	92/121	76
3. Grau de aproximação dos interlocutores	1 - muito próximo	61/118	52
	2 - pouco próximo	22/23	96
	3 - distante	17/18	94
4. Tópico do discurso	assunto íntimo	6/23	26
	assunto não-íntimo	98/150	65
5. Autoridade relativa	mais poderoso	21/39	54
	poderes iguais	81/130	62
6. Classe social	alta	43/84	51
	média	27/42	64
	baixa	30/30	100

Observa-se que os grupos de fatores variedade lingüística e grau de aproximação são os que apresentam maior porcentagem. No primeiro grupo, o fator [+ popular] mostrou-se categórico: os usuários da norma popular não utilizam o pronome *tu*.

Nos enunciados em (2) e (3) uma mulher do povo dirige-se ao marido e um homem, também do povo, se dirige a sua mulher, respectivamente.

(2) Você leva asdespois (sic) a mala e a cumida.  
(BOCCANERA, 1897, p. 43)

(3) Não, Niqueleta, você tenha carma.  
(FÔIA DO ROCÊRO, 1899, p. 10)

Quanto ao fator grau de aproximação, o grau 1 é o que exhibe a menor porcentagem (52%) o que contraria nossas expectativas de que o pronome *você* já estaria sendo usado nas interlocuções entre pessoas iguais e muito

próximas, isto é, como tratamento íntimo como, por exemplo, na díade marido e mulher. Esse resultado deve-se aos dados referentes às cartas de Rui Barbosa a sua mulher, nas quais ele usa categoricamente o pronome tu. Observe-se, porém, que o jurista se tornou notável, entre outros predicados, por seu profundo domínio da norma culta portuguesa, chegando mesmo a travar um acalorado debate com o gramático Ernesto Carneiro. Veja-se o exemplo (4) a seguir:

- (4) Não mandes nossas filhinhas ao colégio. [...] Elas precisam agora de ti e tu delas. (1893)

Ao contrário, no romance de Xavier Marques de 1888, já se observa o uso do pronome *você* nesse tipo de díade:

- (5) Você sabe quando ele parte? (Mulher se dirigindo ao marido, p. 71)

Um fato chama a atenção: o percentual do grau de aproximação 3 (94%). Isso nos pareceu muito estranho. Contudo, ao cruzar as variáveis grau de aproximação e classe social desvendamos o mistério: classes sociais distintas se comportam diferentemente em relação ao tratamento do interlocutor. A tabela 2, a seguir, mostra esse comportamento.

TABELA 2  
Cruzamento das variáveis classe social e grau de aproximação dos interlocutores. Porcentagens de uso de *você*.

Grau de aproximação	1 Nº / %	2 Nº / %	3 Nº / %	Total Nº / %
Classe Social				
Alta	29/41	14/100	-	43/51
Média	18/55	5/100	4/100	27/64
Baixa	14/100	3/100	13/100	30/100
Total	61/52	22/96	17/100	100/63

As 30 ocorrências de *você* na classe social baixa distribuem-se nos três graus de aproximação. Deduz-se daí que os membros da classe baixa, dentro do seu próprio grupo, usam indistintamente o pronome *você* para qualquer pessoa, excluindo-se a díade jovem X velho em que os tratamentos cortesês *Senhor* e *Vosmecê* são usados. Pode-se dizer, então, que a classe baixa não mantém as distâncias que as classes superiores costumam manter. Friedrich (1986, p. 284) também constatou esse fato na Rússia, no século XIX: “[...] todos os membros das classes baixas tendiam fortemente a usar o T recíproco,<sup>1</sup> mesmo se tratando de pessoas totalmente desconhecidas.” Seriam os membros da classe baixa mais solidários entre si?

O uso categórico de *você* entre iguais na classe baixa indica que essa parcela da população já usava essa forma de tratamento do interlocutor há muito tempo. Talvez tenha sido a forma preferida por essa classe desde o século XVIII, pois, pelo que se pode extrair dos poemas dialogados de Gregório de Matos, no século XVII, *você* era um pronome de cortesia, usado especialmente pelo contingente negro-mestiço da população, portanto, desprestigiado<sup>2</sup>. Como as formas de tratamento cortesês se desgastam rapidamente,<sup>3</sup> é possível que essa parcela da população o tenha transformado em uma forma não-marcada, de uso extensivo a íntimos e não-íntimos.

Observa-se que o fator não-marcado da variável valor de *você* apresenta um percentual de 76%, em significativa polarização com o valor marcado – 33%. Esse *você* marcado é observado nas cartas de Rui Barbosa a amigos.

No conjunto das cartas de Rui Barbosa, dois fatos chamaram a nossa atenção: a) em cartas ao amigo Victor Esmeraldo, datadas entre 1882 a 1890, usa o tratamento de *tu*, mas numa carta de 1894 ao mesmo destinatário, é usado o tratamento de *você*, escrito por extenso; b) em uma carta de 1890 a um velho amigo da família,<sup>4</sup> Rui mistura o tratamento de *tu* com uma forma verbal e pronome possessivo de terceira pessoa, indicando o tratamento de *você*. Isso significa que o “novo” pronome já invade o terreno de *tu*.

- (6) a. Faço questão de que venhas para esta tua casa, seja como for.  
(Carta de Rui a Victor, 1888)
- b. Entretanto, para que você não tome à má parte as minhas palavras, supondo que me quero furtar à sua amizade, ...  
(Carta de Rui a Victor, 1894)
- (7) a. Podes acreditar que literalmente não disponho de cinco minutos por dia...  
(Carta de Rui a Olímpio Chaves, 1890)
- b. E creia-me seu verdadeiro amigo. (Idem)

Quanto aos grupos de fatores tópico do discurso e autoridade relativa, a tabela 1 acima nos mostra os seguintes resultados: a) nesse período, o uso de *você* é mais freqüente quando se trata de assuntos não-íntimos (65%). Uma evidência disso encontra-se no texto de Xavier Marques (1888). Uma personagem, que costumeiramente trata a sua mulher de *você*, trata-a de *tu* num momento de intimidade:

- (8) Então, não gostas que te acarinhe? (p. 52)

Em relação ao fator autoridade relativa, os resultados mostram que *você* é o tratamento mais freqüente entre pessoas com poderes iguais (62%). Nota-se, entretanto, o uso variável desse pronome nas relações assimétricas em que prevalece a autoridade, como é o caso de pais dirigindo-se a filhos. Isso significa que, na língua vernácula, *você* já adquiriu o mesmo valor de *tu*. Os enunciados em (9) e (10) a seguir ilustram essa variação.

- (9) Veja se temos das costumadas. Olhe que não estamos sozinhos.  
(XAVIER MARQUES, 1888, p. 111)
- (10) Não me façás cair essa cara no chão. (Idem, p. 175)

No texto de 1897, do mesmo autor, já não existe essa variação; filhos e genros são tratados categoricamente de *você*. No exemplo (11), a seguir, assim se dirige a sogra ao genro:

(11) Você tem bastante juízo e sabe o que são negócios. (p. 111)

Finalmente, cruzamos também o grupo de fatores classe social com o grupo valor de *você*. O resultado já era esperado. Somente a classe alta mantém o *você* marcado, a classe média e a classe baixa urbana e rural não o usam absolutamente. A tabela 3, a seguir, mostra os resultados.

TABELA 3

Cruzamento das variáveis valor de *você* e classe social: percentagem de uso de *você*.

Classe Social	Alta Nº / %	Média Nº / %	Baixa Nº / %	Total Nº / %
Valor de <i>você</i>				
Marcado	10/50	-	-	10/13
Não-marcado	30/53	30/97	30/100	90/87
Total	40/52	30/100	30/97	100/65

#### 4 Considerações finais

No *corpus* analisado, o número total de ocorrências do pronome *você* já ultrapassa (61%) o de *tu* (39%). Na variante popular, essa já é uma forma categórica. Na variante culta, *você* ocorre mais frequentemente entre iguais, como um tratamento amistoso como era usado na mesma época em terras portuguesas. No entanto, no período estudado, já se observa o uso de *você* como pronome íntimo nas classes sociais média e alta. Essas constatações comprovam a hipótese de Galves (1993), segundo a qual a mudança *tu* → *você* teria iniciado em certas camadas e se expandido paulatinamente.

Em Teixeira (2002), propomos que o *você* europeu usado pelas classes letradas e o *você* da norma popular tenham confluído num só *você* já no início do século XX.

Ressalte-se aqui a pertinência da investigação da dimensão social da variação lingüística no registro histórico da língua. Labov (1994, p. 11)

chama a atenção para as dificuldades de tal investigação, observando que as formas lingüísticas em documentos históricos nunca refletem o vernáculo e que “pouco se sabe sobre a posição social dos escritores e não muito mais sobre a estrutura social da comunidade”. Seguindo os ensinamentos de Romaine (1982) e a nossa intuição, perseguimos o nosso objetivo, constituindo um *corpus* que reúne gêneros textuais diversos, buscando, ao mesmo tempo, identificar os autores dos textos e conhecer a estrutura da sociedade e os valores sociais reinantes à época.

Em vista da impossibilidade de acessar registros escritos da classe social baixa, por serem seus representantes, na sua grande maioria, analfabetos, tivemos a preocupação de selecionar textos que retratassem a “língua do povo”, mesmo que fossem meras representações, como o são os textos teatrais e os diálogos do jornal *Fôia do Rocêro*. A busca, reconhecemos, foi árdua, mas valeu a pena.

## Notas

- 1 T e V são símbolos tomados do latim Tu e Vos, utilizados por Brown & Gilman (1960) para representar os pronomes de intimidade e de polidez, respectivamente, em qualquer língua. No português atual do Brasil, T representa *você* e V, *senhor*.
- 2 Segundo Miguel (2003), no português de Luanda, o pronome *você* é usado em variação com *tu* tanto na variedade popular, em que é muito comum utilizá-lo com a forma verbal correspondente à segunda pessoa direta, como também pelos falantes escolarizados, com a flexão de terceira pessoa, mas misturando os pronomes num mesmo enunciado tal como costumamos fazer aqui no Brasil.
- 3 Cf. Santos Luz, 1956, p. 271
- 4 Homero Pires anota que Victor Esmeraldo e Olímpio Chaves eram “amigos devotados” de Rui Barbosa e sua família.

## Referências

- AMADO, J. *Gregório de Matos: crônicas do viver baiano seiscentista*. Obra Poética. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1999, 2 v.
- BASTO, C. Formas de tratamento em português. *Revista Lusitana*. Porto: Imprensa Portuguesa, n. 29, p. 252-276, 1931.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1960. p. 253-276.
- FRIEDRICH, P. Social context and semantic feature: the Russian pronominal usage. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. *Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication*. Oxford: Basil Blackwell, 1986. p. 270-300.
- GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP, 1993. p. 87-408.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. *Principles of language change: internal factors*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994. v. 1.
- MARTINS, W. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix/USP, 1977-8. v. 4, 570 p.
- MATTOSO, K. M. Q. *A Bahia no século XX: uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- MIGUEL, M. H. *Dinâmica da pronominalização no português de Luanda*. Luanda: Nzila, 2001.
- PAGOTTO, E. G. *A norma das constituições e a constituição da norma no século XIX*. Comunicação apresentada no III Seminário para história do português do Brasil. Campinas, 1999. Mimeografado.

ROMAINE, S. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

SANTOS LUZ, M. Fórmulas de tratamento no português arcaico (subsídios para o seu estudo). *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, n. 7, p. 251-363, 1956.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira. O português d'aquém e d'além-mar no final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

TEIXEIRA, E. P. *Era uma vez você*. 167 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.